

Petrônio Portella



Petrônio Portella Nunes, filho de Eustáquio Portella Nunes e Maria Ferreira de Deus Nunes, nasceu no dia 12 de setembro de 1925 em Valença, Estado do Piauí. Formou-se, no Rio de Janeiro, em 1951, pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, onde já se fazia sentir sua vocação para a política e suas qualidades inatas de líder. Formado, voltava para o Piauí, sucedendo-se, então, toda uma vida dedicada à causa pública. Deputado Estadual de 1954 a 1958, exerceu no período o cargo de Presidente da Comissão de Constituição e Justiça e a função de Líder da Oposição na Assembléia Legislativa. Secretário-Geral e Presidente do Diretório Regional da UDN; Prefeito de Teresina (1958-1962) e Governador do Estado (1962-1966), galgou Petrônio Portella as mais destacadas posições políticas no seu Estado. Ao elegê-lo Senador da República em 1966, o Piauí partilhava-o ao Brasil. A dimensão do líder, do administrador profícuo, identificado com as aspirações e o ideário do seu povo, não poderia ficar restrita aos limites geográficos de um Estado.

A têmpera do nordestino, habituado às lutas, à audácia, ao destemor e à fé na Democracia marcou e acompanhou a trajetória de Pe-

trônio Portella no cenário político brasileiro. Eleito em 1967 Presidente da Comissão de Legislação Social do Senado Federal e em 1969 Presidente da Comissão de Constituição e Justiça, demonstrou Petrônio Portella o profundo conhecimento dos problemas sociais e o domínio da ciência jurídica. A par da relevância dos pareceres proferidos nos órgãos técnicos da Câmara Alta, realçava-se como orador objetivo, arguto e político hábil. Não foi assim sem razão que exerceu as funções de Vice-Líder do Governo e de Líder da ARENÁ e do Governo (1973-1977).

Leal com correligionários e adversários, mereceu a confiança integral dos seus Pares, que o elegeram em 1971 Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional. Preocupado com o papel preponderante do Poder Legislativo na área de elaboração das leis e no campo das novas funções atribuídas ao Parlamento no Estado moderno, criou Petrônio Portella no Senado Federal vários serviços, entre os quais destaca-se o Centro de Processamento de Dados como resposta às solicitações da era tecnológica. Enquanto isso, autorizou à época, como humanista que era, a publicação pela Revista de Informação Legislativa do Senado Federal de palestras proferidas em Congresso de Filosofia realizado em Brasília, acentuando na apresentação dos trabalhos:

“Fiéis às origens, temos o dever de perseguir a conciliação entre as técnicas que a ciência criou e a finalidade humanística e cristã das instituições. Direcionar a estrutura técnico-científica no sentido do homem é o muito reservado neste final de século conturbado pela aceleração do desenvolvimento.”

O ano de 1973 o levou à Presidência Nacional da ARENA, cargo que exerceu até 1975. Em 1974, foi reeleito Senador pelo Estado do Piauí. Presidente do Senado Federal e do Congresso para o biênio 1977 a 1979 — eleito pela 2ª vez —, proclamou, sempre, a fé na Instituição a que servia:

“Comosco nasce a Democracia. Creio em nosso ofício, no nosso trabalho e em nossa instituição.”

O diálogo constante com os seus Pares, fruto do seu espírito democrático, a probidade no trato da coisa pública, a autoridade essencial ao cargo que exerceia fizeram com que a simples presença física de Petrônio Portella impusesse respeito aos seus coestaduanos. As sessões do Senado Federal e do Congresso Nacional por ele presididas são exemplos dessa afirmativa. A palavra equilibrada do Presidente comandava os debates mais veementes. A volta às prerrogativas democráticas — ao Estado de Direito — é meta por ele defendida arduamente numa demonstração de que as grandes idéias atravessam os tempos, embora muitas vezes em função de sua própria essência, elas tenham que ser compreendidas em consonância com as necessidades e objetivos maiores da Nação. A liberdade e a ordem fizeram de Petrônio Portella o ponto de equilíbrio entre o poder civil e o poder militar. Afastou-se do Parlamento em 1979, após ser eleito Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal, para exercer o cargo de Ministro de Es-

tado da Justiça, impregnado dos sentimentos da Instituição. Em discurso, ao deixar a Presidência da Câmara Alta, registrou o fato:

“Confesso, Senhores, que o devotamento a que me entreguei nestes dois anos não correspondem ao quanto devo a esse augusto Plenário. Tão forte os vínculos, tão assinaladamente ligado sou ao Congresso, que é difícil ser bem sucedido ao pretender externar, perante todos, o que de nossa Instituição em mim vive.”

No Executivo continuou sua luta pela restauração plena dos princípios democráticos e foi um dos artífices das medidas até agora tomadas com esse objetivo. No auge dessa etapa de sua vida política, a morte o surpreendeu no dia 6 de janeiro de 1980. Cabe, entretanto, à História contar a estória do democrata, do político, do parlamentar, do humanista, do jurista e do servidor do Brasil Petrônio Portella.

Ao lado dos altos cargos, avulta na sua vida pública a participação em missões no exterior. Quando Governador do Estado do Piauí visitou os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado. Como Senador da República participou do Congresso da Associação Interparlamentar de Turismo realizado no Líbano e na Suíça e do Congresso da COTAL no Equador. Na qualidade de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário em missão especial representou o Governo brasileiro nas solenidades de fundação do Império Persa (1971) e nas cerimônias que marcaram o tríduo do Pontificado de Sua Santidade o Papa João Paulo II. Foi membro da Comitiva do Senhor Presidente da República em viagem à Inglaterra (1976) e ao México (1978).

Petrônio Portella foi agraciado com inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras.

Recebeu no Brasil:

- Grande Colar da Ordem do Congresso Nacional;*
- Grã-Cruz da Ordem do Mérito Rio Branco;*
- Grã-Cruz da Ordem do Judiciário do Trabalho;*
- Grã-Cruz do Mérito do Judiciário Militar;*
- Grã-Cruz da Ordem do Mérito Naval;*
- Grã-Cruz da Ordem do Mérito de Brasília;*
- Grã-Cruz da Ordem da Estrela do Acre;*
- Grã-Cruz da Ordem Estadual do Mérito Renascença (Piauí);*
- Grã-Cruz de Cinco Estrelas da Sociedade Brasileira de Geografia;*
- Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar;*
- Grande Oficial do Mérito Aeronáutico;*
- Colar Pedro I, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo;*

- Grande Medalha da Inconfidência (Minas Gerais);
- Medalha do Mérito José Bonifácio (Senado Federal);
- Medalha do Mérito Santos Dumont, do Ministério da Aeronáutica;
- Medalha dos Serviços Distintos da Magistratura;
- Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras;
- Medalha do Mérito Industrial da Confederação Nacional da Indústria;
- Medalha do Mérito da Odontologia, da Academia Brasileira de Odontologia;
- Medalha do Mérito Industrial Simplicio Dias, da Federação das Indústrias do Estado do Piauí;
- Medalha no Grau de Comendador, do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília;
- Medalha Classe Ouro da Cidade do Recife;
- Medalha do Mérito da Cidade de Duque de Caxias (Rio de Janeiro); e
- Medalha do Mérito Barão de Ayruoca (Barra Mansa — Rio de Janeiro).

E no exterior:

- Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal);
- Grã-Cruz Especial da Ordem de Malta;
- Grã-Cruz Especial da Ordem da Estrela Brilhante (Taipé);
- Grã-Cruz da Ordem Águia Azteca (México);
- Grande Oficial da Legião de Honra (França);
- Grande Oficial da Ordem da Associação Internacional dos Parlamentares da Língua Francesa;
- Ordem do Mérito Britânico (C.B.E.);
- Medalha Francisco de Miranda, 1ª Classe (Venezuela); e
- Medalha de Ouro Comemorativa do Império Persa.

Aí estão, em síntese, os fatos marcantes da vida pública de Petrónio Portella. O Brasil homenageou a sua memória. A Revista de Informação Legislativa rende, também, a sua homenagem, seu preito de admiração e respeito ao ex-Presidente do Senado e do Congresso Nacional, publicando, a seguir, na íntegra, os discursos pronunciados pelos Líderes Jarbas Passarinho e Paulo Brossard, pelos Senadores Bernardino Viana e Helvídio Nunes e pelo Presidente Luiz Viana em sessão especial da Câmara Alta, realizada no dia 18 de março de 1980.

O SR. JARBAS PASSARINHO (PA. Em nome da Maioria, pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Ministros de Estado, Srs. Ministros de Tribunal Superior, Srs. Senadores, Srs. Deputados, D. Iracema Portella e familiares, minhas Senhoras e meus Senhores:

“Detesto política do fundo do meu coração. Todas essas barulhentas e incoerentes promessas, os pedidos impossíveis, essa miscelânea de idéias e planos impraticáveis, o oportunismo que não leva em consideração nem a verdade, nem a justiça, a ingloria busca atrás da rama imerecida, a liberação das paixões incontrolláveis, a exploração dos mais baixos instintos, a distorção dos fatos, toda essa febril e estéril azáfama, eu detesto.”

Oliveira Salazar — “The Times”, 16 Nov 1961.

“Não somos políticos. Fizemos nossa revolução para enxotar os políticos. Somos povo social. Esta é uma revolução social.”

Fidel Castro, a um repórter, citado por Bernard Crick.

Disraeli: “Política, mal-entendida, tem sido definida como a arte de governar a humanidade, iludindo-a.”

Nos longes tempos do ginásiano que fui, na minha cidade de Belém do Pará, Sr. Presidente, meus Senhores e Senhoras, aprendi uma lição da qual jamais me separei. Ela vinha, exatamente, pela palavra de Olavo Bilac, que dizia que o culto a um homem deve ser adequado ao que ele foi, à sua personalidade, nem além nem aquém. Além, seria eivado de insinceridade; aquém, denotaria mesquinhaia.

Com esta lição, assomo à tribuna para falar de um homem que ao longo de toda a sua vida foi, basilaramente, medularmente, político. E por se dedicar à política, e por fazer da sua vida a própria política, nesse viver, matou-se.

Esta política, que é uma atividade tão mal-afamada pela direita e pela esquerda, esta política, que exige dos homens muito mais do que aquilo que eles podem dar em recompensa, entretanto, educa-lhes a vontade, pois os submete à provação contínua da inveja, do despeito e da ingratidão. Nessa atividade onde os homens revelam o seu caráter por inteiro, Petrónio pode ser analisado aqui, hoje, neste instante, de forma lisonjeira e justamente elogiosa. Essa política que não dá descanso e às vezes tirânica é, que nos toma todas as horas do dia e todos os dias dos anos, que depois de nos assoberbar nos nossos locais de trabalho, nega-nos o direito à privacidade, invade-nos o lar, ocupa-nos, cada vez mais exigente, sem ela, entretanto, que vale por uma prova de liberdade, sem ela não existe a sociedade livre. Acusada de ser a arte de enganar a humanidade e acusada de ser, ao mesmo tempo, um instrumento do favorecimento pessoal, ela se exercita, cada vez mais, contra o imediatismo, porque as vitórias fugazes não constroem carreiras políticas. E longe dos interesses pessoais em torno dos políticos, o que existe é uma tessitura contínua em favor dos interesses coletivos e das aspirações populares. No fundo, é uma forma de civilizar, o que não exclui as decepções, as amarguras e as tristezas, mas que traz em contrapartida, muitas vezes, a alegria insuperável de alguém saber-se útil aos seus semelhantes e, mais do que isto, de fazer seguidores.

Aqui, neste instante, rendemos o nosso tributo à memória de um homem que foi útil e que deixou seguidores. Alguns políticos projetam-se naturalmente, porque aliam o seu talento à força das suas bases originais. Não foi o caso de Petrónio; ele fez o próprio caminho, ele traçou o próprio

destino, porque não tinha por trás de si a força de uma bancada, de uma expressão geográfica e política no Brasil, que, até a despeito do próprio esforço de alguns políticos, os projetam, naturalmente, no cenário nacional.

Um caminho que ele abriu duramente e que, em 1961, quando Salazar e Fidel Castro diziam esses "mimos" a respeito da política e dos políticos, ele já tinha vindo de Valença, menino de origem pobre, para a capital do seu Estado, já provara, inclusive, um ingrediente necessário à formação do político, o malogro inicial, quando foi candidato a Deputado Estadual, jovem estudante da Faculdade Nacional de Direito. Depois, Deputado Estadual, Prefeito de Teresina. Esse homem, posteriormente, seria o Governador do seu Estado pelas Oposições, e aqui chegava, em 1967, Senador da República. Por duas vezes, Líder da Maioria, por duas vezes, Presidente do Senado e, eventualmente, do Congresso; Ministro de Estado; e mais longe fora se mais vida tivera.

Vocação oposicionista, casou-se no Governo. Foi buscar a filha do honrado Governador a quem ele fazia oposição política, naquele lar virtuoso, a mulher que haveria de ser a sua mais bela e pura das paixões: dona Iracema Almendra Freitas, depois Portella, de quem Petrônio tantas vezes me falou, eu que não lhe freqüentava a intimidade, mas que aqui nesta Casa tantas vezes com ele troquei até confidências. Um dos seus traços mais belos para mim era, exatamente, esse devotamento à sua mulher, que ele só permitia partilhar com o amor que dividia com seus filhos.

Temperamento polêmico, era, entretanto, um homem voltado para a conciliação. Quantas vezes o vi, neste Plenário, naquela cadeira que agora eu obscuramente ocupo, seguindo-me a ele, quantas vezes o vi, veemente, como Líder cumprindo, sabe Deus, às vezes, com que sacrifício pessoal, as mais duras tarefas que o Governo lhe dava.

Rápido no raciocínio, duro na resposta, ora irônica, ora sarcástica, vergastava e era vergastado, mas a voz não silenciava, a voz que eu me perguntava por que mistério, com a tintura de uma cultura universal, permanecia provinciana? Por que os verbos de segunda conjugação nunca tinham final?

Crescia na argumentação que fazia, devolvia o ataque prontamente, não era dos que amadureciam o pensamento para responder depois.

Vi-o, também, na cadeira que V. Ex^ª ocupa hoje, nobre Senador Lutz Viana. Vi-o aí já diferente, já não mais o polêmico Líder do Governo, mas o Magistrado, a conduzir com isenção as sessões do Congresso e do Senado e a manter incólume o respeito à ordem. Parecia até que ele havia abeberado em Byantey aquela expressão de que a ordem e a segurança decerto não são direitos humanos, mas se tornaram imprescindíveis necessidades do homem.

Seu mais duro momento, nos deveres de uma liderança, creio que o flagrei no ano de 1977, quando este Congresso foi posto em recesso, e Petrônio recebia, no seu Gabinete de Presidente do Senado, o emissário do Palácio do Planalto que lhe trazia o decreto que punha em recesso as duas Casas do Congresso. Não traiu em nenhum momento pela fisionomia o seu constrangimento. Conseguiu esse milagre de, num ato daquela natureza, conviver, com ele, a humilhação que o Congresso sofria e a altivez daquele que era o seu Presidente. E o fez como na sabedoria asiática, em vez do carvalho, fez o junco, voltou-se, dobrou-se ao vendaval, para retornar em seguida à posição reta e o mais depressa possível contribuir, junto ao Presidente Ernesto Geisel, que o ouvia constantemente como seu conselheiro político para que as duas Casas do Congresso fossem reabertas e a atividade parlamentar brasileira prosseguisse.

Seu alto senso de autoridade, poucas vezes vi em outras pessoas.

Chegava eu para o fim do meu primeiro mandato nesta Casa, quando assisti às primeiras reuniões da Aliança Renovadora Nacional, por ele presidida. Era ainda aqui, no Auditório Milton Campos. Faziam parte do Diretório Nacional — como sabemos — Ministros de Estado e Governadores, mas, à hora em que Petrônio subia àquela cadeira da Presidência, não havia Ministros, não havia Governadores, não havia Senadores e não havia Deputados. Não havia senão políticos, todos como ele, por ele presididos.

De outra feita, já Ministro, reunindo o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, tive outro exemplo dessa defesa agressiva da autoridade. Alguém com assento naquele Conselho, tomando a palavra, foi profundamente impertinente. Petrônio a ouviu a custo até o fim. Em seguida, deduzido em riste, deu-lhe uma resposta fulminante e instantânea, fazendo-o calar-se e respeitar a figura do Ministro, que ali estava não para uma farsa e uma mistificação, mas para um trabalho de mais alta significação nacional.

Sr. Presidente, meus Companheiros de Congresso, Srs. Ministros de Estado, minhas Senhoras, meus Senhores, D. Iracema e Familiares de Petrônio, devo encerrar esta saudação, que há de ser breve, mas quero dizer nesse encerramento que faço questão de recolher de Petrônio a imagem que desejo que em mim fique para o sempre, a imagem do homem que ria com os olhos, que ironizava com flauta e que na sua paisagem humana tinha sempre aquele indefectível cigarro, ou pendente dos lábios ou preso elegantemente às mãos em gesticulação abundante. Troçador, muito troçador diante do meu gosto que ele atribuía a alguns dos companheiros que se vestiam, segundo ele, mal, e mais troçador ainda quando admitia que se vestiam bem, porque o elogio era chelo de insinuações malévolas.

Vaidoso, vaidoso como todos nós. Vaidoso de fazer bem aquilo que lhe era cometido, vaidoso de se sentir vitorioso no debate, vaidoso até diante de certas circunstâncias que, muitas vezes, nessas conversas que tínhamos, eu a elas tinha acesso. Certa feita ele me disse: "Não entendo você. Imagine que ontem uma das minhas filhas, vendo-o na televisão, voltou-se para mim e disse — Papai, quantos anos você é mais velho que o Jarbas Passarinho?" E disse ele: "Fiquei profundamente ofendido. Sou mais novo que você 4 anos." Apenas me defendi dizendo: "Não pinto os cabelos, e talvez, no momento, a televisão me tenha favorecido um pouco mais do que a você. Mas não se preocupe, não se preocupe porque você, que se sente tão jovem, deve lembrar-se daquela velha malícia de um homem entrado em anos, que dizia que a juventude é um mal que passa com o tempo."

Quero lembrar-me dele na sua última quinta-feira de vida. Eu, no Palácio do Ministério da Justiça, visitando-o. Ele, feliz, alegre, pacificado consigo próprio, regozijado pelo fato de que o Presidente da República, naquele ano que se findava, o havia transformado no seu conselheiro político, em cuja palavra o Presidente acreditava sem reservas. Despedimo-nos, e quero guardar a lembrança última à porta do elevador privativo, depois do nosso abraço, que não suspeitávamos fosse o último das nossas vidas. Ele, sorrindo, não mais agora o sorriso da ironia, mas o sorriso do afeto, despediu-se de mim. E ainda o vejo assim, e assim quero vê-lo e dele guardar essa imagem final e definitiva — sorrindo aquele sorriso de afeto a que me reportel ainda há pouco, pois, como sentenciou Itui, "a morte não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima". Talvez seja por isso que, quanto mais o busco morto, mais o encontro vivo. Aqui, agora e sempre.

O SR. PRESIDENTE (*Lutz Viana*) — Tem a palavra o nobre Senador Paulo Brossard.

O SR. PAULO BROSSARD (*RS. Em nome da Minoria, pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.*) — Sr. Presidente, Srs. Ministros de

Estado, Srs. Magistrados, Srs. Senadores, Srs. Deputados, Excelentíssima Família Petrônio Portella:

Este é um momento, Sr. Presidente, em que eu não desejaria estar na tribuna do Senado, ainda quando seja para dizer algumas breves palavras em homenagem a quem foi um dos ornamentos desta Casa. Nem deveria ser eu o orador desta cerimônia, e só por circunstâncias é que aqui agora me encontro.

Procurarei ser breve, Sr. Presidente.

Acompanhei com emoção o retrato, pinturescamente desenhado, com graça, com arte, com finura, com afeto e com eximia felicidade pelo eminente Líder do Governo; o retrato de Petrônio Portella. E ele me foi fazendo lembrar cenas passadas aqui, passadas fora daqui.

Eu o conheci nesta Casa. A ela chegando, vim encontrá-lo Líder da Maioria e Líder do Governo. Eu o encontrei depois na cadeira que hoje V. Ex^a ocupa e abrihanta.

Foi como Presidente do Senado Federal que maiores contatos pude ter com o Senador Petrônio Portella, porque ao mesmo tempo em que o pranteado extinto ascendia pela segunda vez à Presidência do Senado Federal, a mim era conferida a honra de liderar a Oposição. E, como Líder da Oposição, tive de tratar muitas vezes, em variadas ocasiões e nas circunstâncias mais diversas, com o Presidente do Senado. E devo dizer, por estrita justiça, que nunca deixei de encontrar o Presidente do Senado Federal, que sempre foi rigorosamente correto para com o Líder da Oposição.

Este é o depoimento por excelência que posso dar, que não se compara em riqueza com o que aqueles que privaram de sua amizade e com ele conviveram mais estreitamente ao longo da vida podem dar. O meu depoimento é pobre e escasso. Mas, é este. Nunca deixei de encontrar no Senador Petrônio Portella o Presidente do Senado, toda vez que, como Líder da Oposição, o procurei para tratar de questões que diziam respeito à Oposição ou ao Senado como instituição.

Depois veio a ser Ministro da Justiça.

Mas registro, e registro com prazer, que quando o Senador Portella deixava o Senado em direção ao Ministério da Justiça, fez questão de despedir-se dos Líderes parlamentares e do Presidente da Casa, e teve a delicadeza de começar as suas visitas visitando o Líder da Oposição. Sinal de que aqueles contatos nos tinham feito conhecerno-nos melhor um ao outro. E eu guardo comigo essa lembrança amável, de que, saindo daqui, levava uma amável impressão dos seus colegas da Minoria, dos seus companheiros da Oposição.

Ministro de Estado, Ministro da Justiça, também lhe não faço favor, senão estrita justiça, ao dizer, como digo, que voltou a dar altitude e relevo àquele Ministério, que foi, ao longo da nossa história de País independente, o centro de ação e de atuação de alguns dos grandes brasileiros, em todos os tempos, desde Bernardo, desde Feijó, passando por Nabuco de Araújo ou por Ferreira Viana, por Campos Salles ou por Maximiliano, por Maurício Cardoso ou por Oswaldo Aranha, por Milton Campos, por aquele Ministério que tinha diminuído, inclusive, pela atuação muito pouco fiel ao gênio da Nação brasileira, de alguns que lá passaram. Sem favor, posso dizer que o Ministro Petrônio Portella voltou a fazer do Ministério da Justiça um grande Ministério. Sua atuação nele foi breve, não chegou a um ano.

Sabe V. Ex^a, Sr. Presidente, sabe a Casa, sabe o País, que não terei aplaudido todos os seus atos, mas, também, devo dizer, por ser de estrita

justiça, que como Líder da Oposição tive de entender-me várias vezes com o titular daquela Pasta, e sempre encontrei no Ministro da Justiça a compreensão pronta e a ação imediata. Para não tirar o seu tempo, nos comunicávamos pelo telefone todas as vezes em que precisávamos conversar: um dia, eram os estudantes presos em Juiz de Fora, por uma greve, ou coisa parecida, e ao Ministro transmitia o apelo que de lá daquela cidade fazia o Senador Itamar Franco; outro dia, era assunto relacionado com a censura de obras teatrais, e eu transmitia ao Ministro da Justiça o apelo que me chegava de homens do teatro; outro dia, eram estrangeiros presos no Rio Grande do Sul que pediam asilo ao Brasil, e eu fazia chegar ao Ministro da Justiça os seus apelos.

Nunca escamoteou a verdade ou ocultou o seu pensamento íntimo, às vezes sob reserva, tal a confiança que se estabelecera entre nós e que é necessário existir entre homens públicos, sejam do Governo, sejam da Oposição. Pois o Ministro da Justiça, por vezes, adiantou a mim o seu pensamento a respeito de determinadas questões, ainda quando eram contrárias à postulação feita.

De modo, Sr. Presidente, que são estes os testemunhos que posso dar a respeito deste homem que hoje o Senado homenageia, porque tendo falecido como Ministro da Justiça não deixa de ser o Senador pelo Estado do Piauí que hoje é homenageado pelo Senado. Não deixa de ser, digo mal, era o Senador, hoje homenageado pelo Senado, que se sente honrado, com a presença de magistrados e daqueles que foram os seus colegas de Ministério e daquele que veio a ser o seu sucessor, ocupando o lugar que S. Ex.^a ocupava quando a morte o afastou de nós.

Mais tarde, Sr. Presidente, daqui a pouco, quatro livros serão distribuídos. São volumes novos da Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos. Essa coleção foi uma das realizações do Senador Petrônio Portella como Presidente. Recordo-me quando, no fim da Legislatura, me coube dizer algumas palavras à Mesa, como Líder da Oposição, segundo os seus estilos parlamentares, realcei as realizações da Mesa no tocante a publicações de determinadas obras históricas. E eu pude sentir que tinha chegado ao coração do Senador Petrônio Portella, que, no seu discurso de encerramento, por duas vezes declinou o nome do Líder da Oposição que não constava no texto escrito. Creio que era uma das suas vaidades a que aludiu o eminente Líder Jarbas Passarinho. Justa vaidade, porque a Coleção Bernardo de Vasconcelos é, hoje, algo que honra o Senado, que tirou da categoria das raridades bibliográficas algumas obras de caráter político que, há dezenas e dezenas de anos, se encontravam esgotadas. Eu direi a V. Ex.^a, Sr. Presidente, e ao Senado, que toda vez que sair um livro da Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos será uma homenagem renovada à memória de Petrônio Portella.

Mas não foi apenas a Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos, valiosa coleção de livros políticos, de História Política, de Ciência Política, de Direito Público. Foram também os vários volumes, mais de dez volumes, de "Parlamento e Evolução Nacional", que ele, através de historiadores da mais alta qualificação, fez desentranhar deste monumental cemitério que são os Anais do Parlamento brasileiro, onde tanta coisa útil, tanta coisa sábia e tanta coisa bela existe, como jóias perdidas e desconhecidas exatamente porque não é fácil percorrer as centenas de volumes, de grossos volumes, que formam os Anais do Parlamento, e que representam, também, um fio contínuo da evolução da sociedade brasileira e um registro, dos melhores, de nossa História, depois da Independência. Através de um grupo de historiadores da melhor qualificação, e bastaria mencionar o nome de José Honório Rodrigues, o Senador Petrônio Portella fez como que uma seleção, mas uma seleção ordenada em torno dos grandes problemas nacionais, ao longo da nossa vida, fez extrair dos Anais aquilo que é uma versão parlamentar da História do Brasil.

Parece que, pressentindo que a sua vida não seria longa, ele ainda prestou outro serviço relevantíssimo que custa a crer como até então não fora realizado por nenhum homem público. Ele fez desentranhar do pó dos arquivos e revelar aos olhos dos estudiosos desta terra as Atas do Conselho de Estado. Aquela instituição tão malsinada ao longo do Segundo Reinado e aquela instituição que assegurou ao nosso País, então um jovem País, um País de calças curtas, a realização de uma política coerente, de uma política sábia, durante aquele período da história da nossa terra. Pois também este serviço se deve a Petrônio Portella, à Mesa por ele presidida.

Sr. Presidente, eu disse que ia ser muito breve e começo a ser longo. E não sai apenas de um pequeno período da vida do extinto Senador pelo Piauí. Tudo aconselha que eu encerre, encerre logo. Mas diria ainda que talvez ele gostasse de ouvir o que a seu respeito, no dia seguinte ao de sua morte, escreveu Carlos Castello Branco, já por ser, como ele, do Piauí, Estado que ele tanto elevou no cenário nacional; já por ser o primoroso jornalista que todo o País admira. Pois eu vou recorrer ao juízo de Carlos Castello Branco, para dizer que "Petrônio Portella era o político mais bem dotado de sua geração e aquele a quem as circunstâncias reservaram o papel de maior relevo nesta difícil tarefa de articular a transição de um regime ditatorial, para um regime democrático".

Repetindo as palavras do eminente jornalista creio que emito um juízo comum, uma idéia geral de quantos têm vivido os acidentados e agitados anos que marcaram a ascensão de Petrônio Portella ao plano nacional, ao plano federal até o instante do seu desaparecimento.

As circunstâncias em que a morte o levou sensibilizaram a Nação. Creio que o País parou por um instante, emocionado diante do fato de sua morte. Quanto não houvesse outros motivos, Sr. Presidente, é que ele despertara esperanças e eram muitos os que esperavam do seu talento de político alguma coisa a mais em favor do Brasil.

São estas as pobres palavras que pude dizer, improvisadamente, nesta tarde.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Bernardino Viana.

O SR. BERNARDINO VIANA (PI — Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Esta — a homenagem póstuma — é a melhor das homenagens que não se detém em medidas, diante de poder, mas reverente, consagra um homem, uma vida, um exemplo.

Com estas palavras do homenageado, início este trabalho.

Sem dúvida, o nosso companheiro desaparecido merece toda nossa consagração por ser exemplo de uma vida honrada, de parlamentar dos mais closos de seus deveres, de companheiro dos mais queridos.

Realmente, no Senador Petrônio Portella, pela facilidade de comunicar-se, pelo desejo ardente de alçar bem alto o nome da instituição que, com desvelo e entusiasmo, tão bem serviu; pelo espírito de luta com que defendia, às vezes com o próprio sacrifício, a integridade e o prestígio do Congresso Nacional, contornando os desentendimentos nas horas amargas e tensas, há, com justiça, que se lhe reconhecer a grandeza que atingiu como político e parlamentar.

Sobre o amor que dedicou ao Congresso, o ilustre Deputado Thales Ramalho, Secretário-Geral do Partido Popular, assim se expressou: "Era o

homem do Congresso que presidiu por duas vezes, um homem, portanto, de nossa Casa, sem inimigos, um político profissional que honrou a classe política. Honrado, sério, leal e competente”.

Estas palavras, proferidas por personalidade da Oposição, verdade, traduzem não só a afecção que seus pares por ele nutriam independentemente de cor partidária, como o amor que devotava à instituição a que pertencia.

Neste evento, não venho fazer sua biografia mas descrever lances de uma vida agitada e tormentosa que a dedicou por inteiro à administração pública, aos debates do Parlamento e às lides da política.

Como administrador público, sua filosofia assentava-se no primado do Direito, como ele mesmo afirmou em pensamento lapidar: “... a magnitude da missão: por sobre o Poder, por mais que ele se afirme incontestável, está o primado do Direito, profundamente integrado no seu sentido social”.

Filho do Estado da federação dos mais carentes de recursos financeiros, era parcimonioso nos gastos públicos e só autorizava a realização de obras quando já dispunha dos recursos suficientes à sua conclusão.

O seu Governo levou ao Piauí, dentre outras grandes realizações, a Universidade Federal do Piauí, o Banco do Estado e a solução do problema de energia elétrica de Teresina.

Sua atuação, como Prefeito de Teresina, valeu-lhe a eleição para governador e o exercício deste cargo garantiu-lhe a eleição ao Senado Federal.

Como Presidente do Senado e do Congresso Nacional, realizou administração fecunda e inovadora.

Nos debates parlamentares, era franco, sincero, leal e sobretudo, corajoso. Tratava o interlocutor, mesmo sendo seu adversário, com finura e franqueza, daí o respeito e a amizade que granjeou durante suas atividades.

Sua vida parlamentar iniciara-se nos idos de 1954 na Assembléia Legislativa do Piauí e estendeu-se até 58, período em que, como Líder da Oposição, fez daquela Casa um dos pontos de grande atração.

Para o Senado Federal veio em 1966, firmando-se no Colégio dos Líderes com talento e equilíbrio. Era elemento de ligação entre a pressão do Congresso e a resistência das forças representativas do Poder Revolucionário.

Reeleito, de 1974 a 1978, é novamente Presidente do Senado e do Congresso Nacional e Líder do Governo e da Maioria. Em 1979, assumiu o Ministério da Justiça a convite do Presidente Figueiredo.

Das lides políticas, deixa traços marcantes que o consagraram na admiração dos brasueiros e que o levarão à imortalidade pelo bem que semeou.

As lutas que empreendeu como coordenador político, a princípio no Governo Giesel e depois no Governo atual, valeram-lhe o título de “artífice da abertura democrática”.

Numa fase difícil de nossa história, exerceu tanta influência em tomada de decisões que o presente e o futuro hão de lhe consagrar o merecido título.

Nessas decisões, tais como a revogação dos atos de exceção, a anistia e a reformulação partidária, estiveram presentes sua habilidade política e seu espírito público.

Com a revogação dos atos excepcionais, a Nação retoma o caminho da democracia.

A anistia, como foi planejada e concedida, não causou constrangimento à grande maioria dos punidos e nem reações às forças representativas do Sistema.

Com a reformulação partidária, extinguiu-se o bipartidarismo, e as diversas correntes políticas encontraram opção para associar-se em partidos políticos de idéias homogêneas.

É evidente que essa tarefa não foi só sua; companheiros seus, entidades de classe, organizações religiosas o ajudaram em sua missão, mas em tudo que foi feito pela abertura democrática e pacificação da família brasileira há a marca de sua genialidade política.

Dele disse o ex-Senador José Lindoso, hoje Governador do Amazonas, em discurso que pronunciou nesta Casa por ocasião de sua eleição para Presidente da ARENA, em substituição ao saudoso Senador Filinto Müller, a respeito da suposta solidariedade que teria dado a João Goulart no dia 31 de março de 1964:

“Por ter sido vítima de equívoco na trama da História, mas, não é da subespecie dos que ficam agachados ao muro; nenhum gesto brotou-lhe da alma que não fosse ditado pela boa fé, que não fosse movido pelo superior ânimo de servir à Nação, que não fosse impulsionado pela reta consciência na busca infatigável do bem público.”

Petrônio, udenista por convicção, foi eleito Governador do Estado de Piauí, em 1962, numa coligação UDN-PTB. E, como coligado, se comportou sem, no entanto, fugir aos seus ideais ou à filosofia do Partido a que pertencia. O fato de haver ele afirmado a jornalistas, quando irrompeu a Revolução de 31 de março de 1964, que estava com a legalidade, não representava oposição às Forças Revolucionárias, cuja razão de ser do levante, grande parte da Nação desconhecia e até ficou atônita com o movimento. A ordem de vários Chefes do Alto Comando que depois aderiram à Revolução, era a de que se conservassem com a legalidade. Daí a pergunta do grande Líder quando jorravam as cartas anônimas sobre suas repetidas ascensões: “E os militares que aderiram no dia 1.º, eram fiéis a quem?”

Esse episódio, como se vê, não obscurece a firmeza de caráter do grande homem público que foi Petrônio Portella. Pelo bem que fizera a seus semelhantes, o seu nome, por certo, será imortalizado pelos historiadores.

Já aos dezoito anos, conhecia as diversas escolas literárias luso-brasileiras e era leitor assíduo dos clássicos da literatura e da história do mundo ocidental. Nessa condição, ingressou no magistério nas cadeiras de português e história. Os trabalhos que, em vida, publicou, resumem-se a discursos, conferências e pareceres. É que, desde o curso ginasial, quando professor e inspetor de alunos, ao universitário, como funcionário dos Correios e Telégrafos, dividia a atividade profissional com a estudantil, sem falar na política para a qual tinha argúcia e pendor. Mas, ainda assim, deixou peças literárias primorosas como a conferência que pronunciou em 24 de novembro de 1979, em Ouro Preto, quando da chegada ali dos restos mortais de Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Ele abre o seu trabalho assim:

“Nada mais edificante que o espetáculo desta noite:

Bernardo Pereira de Vasconcelos não volta à terra-berço. Não se regressa à terra de onde jamais se saiu, porque quando o espírito permanece ligado pelas inspirações mais caras, pelos vínculos mais

profundos, que importam as distâncias, o passar do tempo ou a própria morte?"

E continua o prólogo:

"De Bernardo Pereira de Vasconcelos vêm os restos mortais, símbolo material de uma vida que fixou em nós, e está na história, no nicho entre os grandes da Pátria, pelas mensagens e instituições que ele soube legar, pelas lutas que lhe valeram os títulos entre os construtores e consolidadores do Império."

E continua nesse estilo sublime a sua fala utilizando termos apropriados em frases que empolgam e deleitam os ouvintes. E o seu pensamento vai num crescendo até atingir o vôo condoreiro de que estão marcadas as composições literárias clássicas.

Mas o curioso é que falando de Bernardo é como se estivesse falando de si próprio, tal a identidade entre os dois homens públicos.

Quando diz que "Vasconcelos concillou, sempre, as preocupações locais com as responsabilidades que a representação política e a incoercível vocação de luta que lhe impuseram no plano nacional", é como se estivesse relatando a sua própria atividade política porque, como é sabido por todos, as lutas que lhe foram impostas no plano nacional não arrefeceram seu ânimo nas lides políticas de sua terra-berço.

O amor que dedicou à terra-berço esteve sempre ligado por vínculos profundos a toda iniciativa que objetivasse o progresso e o bem-estar social de seus conterrâneos.

Família bem constituída e organizada, tinha ele em D. Iracema, sua dileta esposa, conselheira e colaboradora admirável. Esteve sempre a seu lado nas campanhas políticas, acompanhando-o aos mais distantes rincões da terra piauiense, nos comícios, nas praças públicas e nas reuniões domiciliares.

Compreensível, quando Petrônio, como Líder da Oposição na Assembleia Legislativa, combatia vigorosamente o governo de seu pai, o Cel. Pedro Freitas, ela procurou pôr cada coisa em seu lugar, separando muito bem as ternuras do amor das lutas da política.

No dia 6 de janeiro, deixou o nosso convívio o dileto amigo, o companheiro de todos os momentos, Petrônio Portella, materialmente, silenciou a sua voz, mas espiritualmente ouvi-la-emos, sempre, preche de conceitos, de ternura, de alta sabedoria.

Homens há que passam à história por sua tirania, por seus feitos guerreiros, ou, num reverso da medalha, pela maneira elogiável e digna com que se conduziram durante a sua existência, na vida pública e privada, semeando o bem entre os seus semelhantes, objetivando à grandeza da Pátria.

Assim, foi Petrônio Portella que, apesar de haver se projetado na vida pública, num dos momentos políticos mais difíceis de nossa história, quando os conceitos e as divergências entre as duas correntes antagônicas então existentes se acirravam, emerge o notável homem público, representando um Estado que viveu sempre na obscuridade, e projeta-se como mediador e coordenador político dos Governos Geisel e Figueiredo, como Parlamentar, emérito Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Presidente da ARENA e como Ministro da Justiça.

Nós os seus amigos não o esqueceremos, tê-lo-emos na memória em boa conta e o citaremos sempre como exemplo a ser seguido pela posteridade, pela sua coragem, tenacidade e civismo.

O SR. PRESIDENTE (*Luiz Viana*) — Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Helvidio Nunes.

O SR. HELVIDIO NUNES (*PI. Pronuncia o seguinte discurso.*) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Conhecemo-nos no Rio de Janeiro, na segunda metade da década de quarenta, quando, após os exames de praxe, a então Faculdade Nacional da Direito da Universidade do Brasil também o acolheu.

Filhos de cidades vizinhas, de Municípios limítrofes — Picos e Valença — nos primeiros anos de vida estudantil seguimos caminhos diferentes. Procurei o tradicional Ginásio do Crato, no Ceará, enquanto ele, por outras motivações, transferiu-se para Teresina, à procura de trabalho que lhe possibilitasse a continuação dos estudos.

Cumpria um destino. Filho de Inhazinha e de Eustáquio Portella, que foi por vários anos Prefeito daquela cidade, político ao qual sobrava honradez mas escasseavam bens materiais, no deslocamento para a capital do Estado seguia o exemplo dos irmãos mais idosos, ao mesmo tempo em que servia de modelo aos mais moços.

Sabíamos da existência comum, dos laços avunculares que nos uniam, que jamais exerceram influência no nosso relacionamento, particular ou público, mas sem aproximação, sem o contato, sem o relacionamento pessoal direto.

Identificamo-nos sem intermediários e assim prosseguiu a nossa convivência durante mais de trinta anos. A mútua afinidade, inclusive política, começou, verdadeiramente, nos bancos universitários, pois que na Faculdade Nacional de Direito militamos na mesma organização partidária, que o elegeu, em 1949, meu substituto no pomposo cargo de diretor-redator-chefe do jornal *A Crítica*, combativo e temido periódico do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira.

A vida universitária transcorreu no período imediato ao da redemocratização do País, marcada, de um lado, por estudos e trabalhos intensos e, de outro, por greves e manifestações reivindicatórias, após quase três lustros de desvios legais e de marginalização política.

Retornamos, concluídas as tarefas do curso superior, ao Piauí. Fixei residência em Picos enquanto ele, cheio de justificadas esperanças, dois anos depois, em Teresina, vez que o exercício da Delegacia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados dos Transportes e Cargas obrigou-o à dilatação de um ano no término do curso superior.

Meteórica foi a passagem de Petrônio Portella Nunes, porém, no exercício da advocacia. Entretanto, apesar de meteórica, deixou o brilho de sua inteligência em todos os atos que praticou, a marca do seu saber jurídico nas peças que produziu, inteligência e lastro jurídico aliados a diferentes provas de destemor, pois que tanto exigiu, muita vez, o patrocínio dos direitos que lhe foram confiados.

Logo adquiriu conceito, fama e clientela. A remuneração material jamais o empolgou.

Aos poucos, porém, a advocacia política, como era de esperar, passou a consumir, progressivamente, todas as suas disponibilidades de tempo. Entregou-se, cedo, a atividade que o empolgaria em definitivo, e através da qual, com o passar dos tempos, iria subir quase todos os degraus da vida pública do País.

Petrônio Portella não teve tempo, assim, de ser um jurista de escol, sequer um permanente militante da advocacia. Grande conhecedor do vernáculo, com um cabedal incómun de conhecimento da Ciência Jurídica, que cultivou vida em fora, com a palavra fluente e os gestos largos, não tenho dúvidas de que cedo viria a sê-lo. Os desvios e os encantos da luta político-partidária, entretanto, se o retiraram do convívio da profissão eleita, deram-lhe, em contrapartida, a intimidade do conhecimento e da prática da Política em geral, sua verdadeira, natural e autêntica vocação.

Certo é que, envolvido nas malhas das campanhas eleitorais, o seu escritório como que passou a funcionar nos plenários da Assembléa Legislativa e do Tribunal Regional Eleitoral, na defesa dos interesses do Partido e dos correligionários, da Capital e do interior.

A campanha de 1950 ainda o apanhou sem o indispensável lastro político e profissional. Concluíria o curso jurídico no ano seguinte e não dispunha da densidade eleitoral capaz de levá-lo à conquista de uma cadeira na Assembléa Legislativa. A suplência, todavia, serviu-lhe de mandato. Os Deputados transformaram, na prática, uma expectativa em direito, de tal sorte que, permanentemente convocado, pôde desempenhar, naquele quadriênio, com inexecível competência, vigorosa, combativa e destemida ação parlamentar.

Nas eleições de 1954 conquistou, definitivamente, a representação na *Assembléa Legislativa*, que continuou a empolgar com os seus discursos, o seu exemplo e a sua invulgar capacidade de trabalho, inclusive nas comissões técnicas. E a partir de então, no exercício da liderança, começou a dirigir os destinos políticos do Estado, embora o comando de direito virtualmente permanecesse com terceiros; o poder de fato, entretanto, começava a consolidar-se em suas hábeis e diligentes mãos.

Vitorioso no Legislativo, os fados políticos determinaram que, em 1958, Petrônio Portella tentasse incursão no Executivo. Fê-lo para a Prefeitura de Teresina, tarefa empolgante e, ao mesmo tempo, plena de promissoras recompensas. E que necessitava, de um lado, afirmar-se definitivamente no campo administrativo, convocando para si as atenções de todo o Estado, e, de outro, alcançar contingente próprio e expressivo que lhe proporcionasse a sustentação eleitoral que a sua justa ambição política reclamava.

Eleito prefeito em pleito memorável, Petrônio Portella entregou-se, de corpo e alma, à administração. Sem recursos, enfrentando, de princípio, a má vontade e, mais tarde, a beligerância do próprio Governo do Estado, o jovem prefeito multiplicou presença e lançou os fundamentos da ação justificada de seu governo. Ao lado dos problemas que reclamavam prontas soluções de ordem material, elegeu também os encargos sociais como prioritários de sua administração, no que recebeu a colaboração e a ajuda notáveis de sua esposa — dona Iracema Freitas Portella Nunes, filha do ex-Governador que combatera ao tempo de sua passagem pela Assembléa Estadual. Da época destaca, apenas, o fato de que, no combate às casas de palha, flagelo que enodoava a capital do Piauí, criou e manteve uma Fundação, com a finalidade de, humana e corajosamente, enfrentar o magno problema, responsável, no passado, pela consumação de verdadeiras catástrofes.

Rompido o acordo UDN-PTB, em meio à administração Chagas Rodrigues, o prefeito Petrônio Portella passou a despontar como candidato da União Democrática Nacional ao Governo do Piauí. E que soube conquistar o eleitorado de Teresina e ganhar a preferência dos correligionários do interior, mercê da segurança de sua ação, da obra administrativa realizada, da confiabilidade de sua palavra e da sua inquestionável liderança, que atraiu, inclusive, expressiva parcela do tradicional adversário Partido Social Democrático.

Eis que, em plena campanha, a terrível doença bate-lhe à porta. Petrônio Portella, porém, a tudo enfrenta. Todos sentiram, então, o tamanho e o vigor da sua fé, que sublimou a própria fraqueza física. Operado, contrariando as prescrições médicas e superando, até mesmo, as expectativas otimistas dos companheiros mais chegados, enrentou as agruras da luta política no interior do Piauí, em clima adverso e em condições lastimáveis das estradas, montado em carro desconfortável, lotado por companheiros de jornada. Comícios nas mais diferentes e incômodas horas, às vezes sob o sol escaldante do meio dia, outras vezes em plena madrugada, a dezenas de quilômetros de distância.

Quanto sofrimento, mas também quanta determinação. Era o candidato que desconhecia obstáculos e que desprezava cansaças, o homem a quem o destino tinha confiado, paradoxalmente, espinhosa e gratificante missão.

A vitória eleitoral foi a decorrência da pregação que efetuou, o prêmio ao inenarrável esforço despendido.

No Governo, Petrônio Portella desdobrou-se. atirou-se com inigualável amor ao trabalho. Foi, como Deputado Estadual, reeleito, seu Secretário de Obras Públicas, Agricultura, Indústria e Comércio, secretaria de nome tão comprido mas, até então, inteiramente vazia de significação em termos de desenvolvimento do Estado.

O novo Governador trazia novas ideias, novos métodos de ação, nova orientação político-administrativa. Assim é que, pela primeira vez em sua história, o Piauí teve uma administração planejada, consubstanciada no I Plano de Desenvolvimento Econômico e Social do Estado. Antes de pô-lo, realmente, em execução, eis que surge a segunda grande provação por que passou Petrônio Portella, traduzida na rebelião da Polícia Militar, gerada por diferentes fatores mas com a motivação declarada de insuficiência de vencimentos.

A crise, entretanto, tinha origem mais remota. Lembro-me de que, Líder da UDN na Assembléia Legislativa, no quadriênio anterior, compareci, a convite, a uma reunião promovida por um grupo de Oficiais. Explodiram reivindicações de toda sorte, numa demonstração evidente da derrogação do princípio hierárquico e de inquestionável posicionamento político-partidário.

Para dominar a insurreição, o Governo federal, embora não tivesse um correligionário na chefia da administração estadual, mas reconhecendo-lhe a firmeza de atitudes e a correção de propósitos, autorizou a interferência das tropas do Exército, com o que, depois de cenas patéticas, foi concluída com êxito a operação saneadora.

Moralmente vitorioso, faltavam ao Governador os meios materiais necessários à administração que pretendia realizar. O Poder Central de adversário passara a correligionário. Sete meses decorridos, todavia, e apenas com o asfaltamento da pista do aeroporto de Teresina, encerrava-se, melancolicamente, o Governo que a maioria dos piauienses ajudara a escolher.

Novo Presidente. Comando político contrário, conseqüentemente, à situação dominante no Piauí. A arrecadação mal chegava para cobrir as despesas com o funcionalismo. E o Governo tinha os seus objetivos, as suas metas, o seu Plano de Desenvolvimento.

O Governador Petrônio Portella não tinha outro caminho, outra alternativa, outra opção. Procurou o Presidente da República e lhe fez, sem

servilismo, sem sabujice, sem o adesismo que avilta, exposição real e exata da situação estadual, ao tempo em que solicitou, por empréstimo, a transferência de recursos para a programação que pretendia executar.

Lembro-me, ainda hoje, da satisfação, da euforia de sua chegada, ao anunciar a concessão dos primeiros quinhentos mil cruzeiros do Governo Central ao Piauí, e que não se destinavam ao pagamento de despesas de custeio.

Estabeleceram-se preferências nas prioridades citadas, passou-se ao detalhamento e por fim à construção das obras programadas. A segunda ajuda, de igual valor, não demorou a chegar e a administração marcou significativa presença também nos Municípios interioranos, quase todos desassistidos do Governo estadual. Enquanto isso, os problemas básicos de Teresina foram enfrentados, ao tempo em que, paralelamente, cuidados tomados com vistas à aceleração das obras da Boa Esperança e da criação da Universidade Federal do Piauí.

A aproximação do Governador Petrônio Portella com o então Presidente da República, portanto, foi inspirada no bem público, no desejo do governante sem meios, sem disponibilidades materiais, de servir, de construir, de melhorar a vida do Estado, sem a mais mínima conotação de adesismo ou de favorecimento pessoal. Foi, não resta dúvida, uma decisão realista e corajosa, de elevação político-partidária daquele que, premido pelas condições desfavoráveis, apelava para a autoridade que tinha, inclusive, o dever legal de assistir à unidade federada em dificuldade.

Apesar da grandeza da causa que o motivou, Petrônio Portella pagou, vida em fora, pesadíssimos ônus tributáveis à incompreensão, algumas vezes, outras tantas à maledicência e à má fé, pelo proveitoso relacionamento que manteve, como Governador do Piauí, com o Poder federal. E pagaria muito mais, ainda, por decisão personalíssima que adotou, em momento crucial da vida das instituições e do País.

Com efeito, a partir do retorno ao presidencialismo, já que a maioria esmagadora do povo respondeu não ao improvisado parlamentarismo, acelerou-se o processo de agravamento da crise econômico-social e política que grassava no País. Não cabe, ao ensejo, falar sobre as causas, mas apenas referir os efeitos.

Como é natural, nas duas Casas do Congresso, nas corporações militares, nas entidades culturais e de classe, enfim, nos mais diferentes segmentos sociais começou a lavar a onda de insatisfação que, em crescendo, viria a explodir nas ruas, avenidas e praças e, dias depois, no movimento cívico-militar de 31 de março de 1964.

Na noite de 30 de março, após ter captado a notícia numa emissora paraense, fui a Palácio e comuniquei ao Governador que a Revolução estava prestes a eclodir, pois que o Chefe do Executivo mineiro acabava de requisitar todo o estoque de combustível existente no Estado.

Era o Piauí do início de 1964. Sem estradas, sem transportes, sem energia, sem meios de comunicação. Na manhã seguinte as emissoras locais anunciaram o início do movimento militar que, em poucas horas, empolgaria o País. No dia 1º de abril, às primeiras horas, Petrônio Portella surpreendeu aos presentes no Palácio com a declaração de que iria publicar nota de apoio à legalidade constitucional. Resistiu aos apelos de amigos, correligionários e de familiares. Desprezou, inclusive, os conselhos do Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, que o procurou para desestimulá-lo da idéia, em nome dos interesses maiores do Piauí.

Mas ele a tudo e a todos resistiu, pois que, deixou implícito, via no simbolismo daquele gesto prova de submissão à legalidade constitucional,

de respeito à dignidade das funções do cargo de Governador e de desapego às honrarias proporcionadas pelo Poder. Poderia ter ficado à espreita, aguardando o desenrolar dos acontecimentos, mas preferiu não ser omissivo, tratou de manifestar-se, comprometendo, inclusive, o próprio futuro e o da família.

Tomou posição, é verdade, mas consciente do seu ato, certo de todas as conseqüências que lhe poderiam advir, para ficar em paz com a sua formação jurídica, com a sua consciência e com aquilo que, na oportunidade, julgou indeclinável dever.

Seus inimigos e desafetos jamais o perdoariam. Incontáveis tentativas foram feitas para jogá-lo contra os Governos revolucionários. A nota que expediu no dia 1º de abril de 1964, quando já estava, diga-se de passagem, praticamente decidida a sorte da Revolução, em defesa da Constituição e das instituições, foi o látego com que pensaram, repetidas vezes, molestá-lo. Não me cumpre, no momento, fazer a defesa de Petrônio Portella naquele episódio. Limite-me à narração dos fatos, vistos na época e em obediência às peculiaridades locais. A tarefa de julgá-lo cabe à História, pois que os Presidentes do período revolucionário deram-lhe, até o dia da morte prematura, sobejas provas de confiança e de amizade.

Poucos, talvez, tivessem a coragem e a grandeza que ele soube esbanjar, às vezes perdulariamente. É que os pobres de espírito não conhecem o destemor, muito menos aplaudem a virtude que não podem praticar.

Vencidos os obstáculos iniciais, e com o retorno do País à plena normalidade, o Governador do Piauí empenhou-se, com redobradas forças, às tarefas da administração, de tal sorte que, ao renunciar ao Governo para pleitear uma cadeira da representação do Piauí no Senado Federal, entregou aos piaulenses um acervo de obras e realizações verdadeiramente notável, na capital e no interior, de variados portes, mas todas ligadas ao desenvolvimento estadual. Não cabe, nesta oportunidade solene, enumerá-las; importa, porém, dizer que tais empreendimentos foram levados a bom termo à custa de ingentes sacrifícios, de modelar emprego dos recursos públicos, de rigorosa disciplina nos gastos, da criação de incentivos à arrecadação, sem a tomada de empréstimos, internos ou externos, até mesmo sem a injeção de recursos federais, a fundo perdido, no Estado.

Refiro o fato, que à primeira vista parece irrelevante, porque lhe atribuo especial significação. É que nos dias que correm, administrar, segundo uns, não é mais construir, edificar, muito menos, segundo outros, gerir com probidade e eficiência os dinheiros arrecadados. Hoje, na maioria dos casos, mede-se a administração pela capacidade de alcançar sucessivos e crescentes empréstimos, com dilatados prazos de carência e longos períodos de retorno, quase sempre prorrogados.

Petrônio Portella foi, ao contrário, o administrador capaz e diligente, que soube transformar o pouco com que contava em maior soma de benefícios para a coletividade. E as urnas eleitorais de 1966 deram-lhe esmagadora vitória sobre o contendor, na campanha cívica que a todos envolveu e empolgou.

Sr. Presidente e Srs. Senadores. Ao pedir para falar nesta sessão em homenagem à memória de Petrônio Portella, decidi que me restringiria a narrar fatos e episódios, circunscritos às lindes estaduais da vida do pranteado extinto. As atividades que desenvolveu nas comissões técnicas e no Plenário, na presidência de colegiados, no exercício da liderança, na direção, por duas vezes, do Senado da República e, por força da Lei Maior, do Congresso Nacional, sem esquecer a presidência da extinta Aliança Renovadora Nacional — ARENA, e as funções do cargo de Ministro da Justiça, pertencem aos jornalistas, aos estudiosos, aos historiadores, aos cien-

tistas políticos. Cingi-me ao Piauí e aos acontecimentos que com o Piauí se relacionaram.

Claro que nas minhas palavras, mais um depoimento do que um discurso, fácil é apontar a presença do amigo, amizade que venceu o tempo e os percalços que a própria vida oferece.

Para ser mais exato, a vida jamais criou situações que, ainda de leve, pudessem fissurar a nossa amizade. É bem verdade que, nos últimos anos, conversávamos o indispensável. Mas sempre nos compreendemos. Os gestos, as palavras escassas, as referências isoladas diziam mais do que longas dissertações.

No dia vinte de setembro, quando, em busca de tratamento médico para a saúde seriamente abalada, fui a São Paulo, Petrónio Portella estava no aeroporto para a despedida. Ao abraçar-me, com a voz embargada, pois que não conseguia dominar inteiramente a emoção que sentia, disse-me apenas: "Coragem! Lembre-se de mim e do que já sofri".

Durante o período de internamento, diariamente telefonava para o hospital à procura de notícias. E no dia nove de outubro, quando do meu retorno, convalescente ainda do sucesso operatório, ele estava ao pé da escada do avião e deu-me, sem palavras adicionais, o primeiro e apertado abraço de boas-vindas.

Despedimo-nos em dezembro. Fui ao nosso Estado em gozo de recesso parlamentar, depois de mais de quatro meses de ausência.

Estava no domingo, seis de janeiro, nas cercanias de Picos. Desconhecia a viagem a Santa Catarina e não sabia de suas derradeiras palavras à televisão. De repente, por volta das 19,15 horas, dois amigos fraternais deram-me a notícia terrível, ainda que mascarada pela incerteza.

Corri à cidade. Logo na primeira ligação telefônica, amigo comum, residente em Teresina, confirmava a esmagadora verdade.

Relutei em acreditar no que me diziam. E ainda hoje, em certos instantes, qualquer coisa do íntimo, inteiramente inexplicável, reacende a dúvida inicial.

Certo é que até o inconsciente, apesar do transcorrer do tempo, ainda não se acostumou à brutal, à inexorável realidade. Vezes sem conta vem a impressão de que continua vivo, vibrante, a traçar planos e a comandar ações.

Acompanhei-o, aqui em Brasília, ao Campo da Esperança e vi, senti e pude avallar o impacto causado pelo seu desaparecimento.

O Brasil inteiro, especialmente o Estado do Piauí, chorou a sua morte. E somente depois de morto é que os brasileiros vamos poder avaliar e compreender, sem provincianismos, sem sentimentalismos, sem exacerbação de paixões, a sua incomensurável grandeza.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Depois das tão eloqüentes e justas palavras aqui proferidas pelos eminentes Senadores Jarbas Passarinho, Paulo Brossard, Helvidio Nunes e Bernardino Viana, é bem possível que nada tenha eu a acrescentar. Entretanto, não posso deixar de assinalar que estas palavras, que podem parecer que foram agora dirigidas a nós, dirigidas a este Plenário tão ilustre e que, na sua composição, bem mostra a marca deixada por Petrónio Portella na vida do País, elas não se dirigem apenas aos seus contemporâneos, aqueles que, como nós, sentem e lamentam o seu desaparecimento; elas são, sobretudo, dirigidas para a História, elas são dirigidas para o futuro, para a posteridade. Até

porque, e disso estou certo, se nós hoje muito falamos de Petrônio Portella, dele ainda mais falará a História.

Realmente na sua vida de político, e de político integral, como tão bem acentuou o Senador Jarbas Passarinho, ele, nessa vida, que o trouxe desde o seu modesto Estado, o Piauí, sem qualquer outro respaldo que lhe assegurasse, de logo, uma projeção, ele, pelas suas qualidades, por aquela vocação política que fizera dele, como lembrou o Senador Paulo Brossard, o político mais bem dotado da sua geração, e ele pode ascender degrau por degrau. E não o fez nem pelo acaso, nem pelo acaso das circunstâncias, ele o fez pelo seu merecimento, ele o fez pela capacidade com que soube desempenhar todas as funções públicas que lhe couberam. Líder da Assembleia do Piauí, Deputado, Prefeito de Teresina, Governador do Piauí, Senador da República, Presidente do Congresso e Ministro da Justiça, em cada uma dessas etapas da vida pública, Petrônio Portella se revelou e se desdobrou uma nova face, certamente maior, mais alta, mais aperfeiçoada, isto pela experiência que ele soubera acumular nesse trato que a política nos proporciona dia a dia.

Ele não perdeu um momento da sua vida. Ele, durante toda ela, foi como que se preparando, sempre para subir numa escalada contínua que a morte interrompeu mas que, como bem se acentuou, não podemos saber até onde o levaria, mas que, certamente, o teria levado a posições mais altas e duradouras.

Portanto, o Senado da República que, por duas vezes, teve a honra de o ter na sua Presidência, não pode deixar de estar profundamente sensibilizado e até emocionado. Acho que cada um dos seus companheiros, dos seus amigos — e foram muitos que ele aqui teve — sente neste momento a ausência insubstituível de Petrônio Portella. E de tal modo que acredito não exagerar dizendo que a cadeira que ele aqui ocupou, que aqui honrou, que aqui ilustrou, não será uma cadeira vazia. Ele continuará, pelo tempo afora, presente não só na lembrança dos contemporâneos, mas também na evocação do Brasil, na evocação da posteridade que, pelo tempo afora, saberá sempre que aqui houve um homem daquela dignidade, daquela estatura, daquela capacidade que foi Petrônio Portella. É a ele que nós, hoje, rendemos a nossa homenagem.

E quero acentuar que nós aqui que, tantas vezes temos justamente prestado homenagens, sabemos também que não é por acaso que se reúnem, numa oportunidade como esta, em Plenário, as mais altas autoridades da República, não apenas do Senado, mas também os Ministros, os Tribunais, os Deputados, os Chefes, enfim, todos aqueles que, aqui vindo, quiseram demonstrar o seu apreço, a sua solidariedade, neste momento que é para todos nós de dor.

Como sabemos que de dor ainda maior é para a sua dileta companheira, D. Iracema, tão bem lembrada pelo nosso eminente companheiro Jarbas Passarinho. Realmente foi ela, durante toda a trajetória política de Petrônio Portella, a grande e fiel inspiradora de sua existência. A ela queremos, neste momento, não apenas em nosso nome, mas certamente em nome de todo o Senado e de quantos aqui estão, dirigir uma palavra de solidariedade e de pesar por aquele luto que tanto fez o Brasil sofrer, naquele momento em que a vida nacional, como bem o disse o Senador Paulo Brossard, parece que parou. Parou diante do impacto que representou para todos nós o desaparecimento do grande Ministro da Justiça que tantas e justas esperanças havia suscitado ao País, aos brasileiros.

Quero, agora, agradecer a quantos aqui atenderam ao nosso convite o terem comparecido a esta solenidade em que rendemos o nosso preito de saudade e sobretudo a nossa homenagem, a nossa sincera homenagem, ao grande brasileiro que foi Petrônio Portella.